

continua a ser abre caminho nem mais nem menos a um novo campo de leitura da epopeia camoniana, chamando a atenção para o papel central que nela ocupam treze estâncias do poema (I, 5-18).

Pode passar despercebido o facto de a maior parte dos ensaios incluídos nesta coletânea ser dedicada a vários dos colegas e discípulos com quem se foi cruzando ao longo da sua vida académica: em Coimbra, em Braga mas também noutras universidades do país. Não se trata, porém, de uma mera casualidade. No critério com que surgem essas dedicatórias revelam um diálogo de apreço intelectual e humano, que o Professor e investigador foi mantendo ao longo de todo um percurso, em registo de fecundo magistério.

Por fim, se pensarmos que entre a coletânea publicada em 2010 e aquela que agora surge Vítor Aguiar e Silva coordenou ainda o monumental *Dicionário de Luís de Camões* (que inclui dezena e meia de verbetes da sua autoria) não podemos deixar de render homenagem a uma ética do trabalho universitário que nunca soçobrou, traduzindo-se em relevantíssimos serviços prestados à causa das Humanidades por este professor e investigador que, com suma justiça, foi recentemente galardoado com o Prémio Camões.

*José Augusto Cardoso Bernardes*  
<https://orcid.org/0000-0002-8019-2465>  
[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_24](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_24)

**DEPRESSÃO E PSICOTERAPIA EM  
 ANTÓNIO LOBO ANTUNES: QUALQUER  
 COISA QUE ME AJUDE A EXISTIR.  
 ANDRÉ CORRÊA DE SÁ  
 Alfragide: Texto Editores, 2019  
 eBook. ISBN 9789896607418**

A simbiose entre a voz empática de André Corrêa de Sá e as vozes deprimidas de António Lobo Antunes oferece um caminho interpretativo onde teoria literária e semiologia médico-terapêutica se entrelaçam de forma original para garantir um olhar profundo sobre a obra de um escritor incontornável. *Depressão e Psicoterapia* alarga o mapa de perguntas em torno dos romances antunianos, impondo-se como uma chave de leitura certa com um triplo objetivo: iluminar a angústia e a crueldade típicas das personagens de Lobo Antunes, projetar a obra do escritor para fora da realidade portuguesa e comentar sobre uma das doenças mais debilitantes do mundo contemporâneo. O valioso contributo deste estudo consiste em ver na obra de Lobo Antunes não apenas repetições de pensamentos e comportamentos depressivos, mas também ressonâncias redentoras, curativas e, mesmo, felizes. André Corrêa de Sá, docente na Universidade da Califórnia Santa Barbara, convida a ler a *performance* do passado realizada nos romances, procurando nas virtuosidades linguísticas do escritor a possibilidade de futuro. E, nesse teatro de transformação interior encenado à luz do que se tem entendido como *narrative medicine*,

o papel principal estará sempre reservado aos leitores, os únicos realmente capazes de interromper o sofrimento psíquico do universo ficcional. A obra de Lobo Antunes convoca, desta feita, “uma fenomenologia de resiliência à adversidade” e, conseqüentemente, reivindica a colaboração de um leitor paciente e anímico, capaz de acompanhar uma relação terapêutica.

Convocando o saber de especialistas na área da psiquiatria e da psicoterapia, obras clássicas e textos de filósofos e intelectuais-chave do mundo contemporâneo e, ainda, crítica literária da vasta obra de Lobo Antunes, André Corrêa de Sá tece com uma fluidez ensaística ímpar vários argumentos que desvendam a natureza dialógica e terapêutica da escrita de Lobo Antunes desde a publicação de *Memória do Elefante* (1979), o romance de estreia do escritor e que, juntamente com *Os Cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980), faz parte daquilo a que se convencionou chamar “trilogia autobiográfica” ou “ciclo de aprendizagem”. Para André Corrêa de Sá é justamente nesta fase inicial que (além da tematização da depressão num esforço de catarse pessoal relativamente à experiência na Guerra Colonial e à prática psiquiátrica no Hospital Miguel Bombarda) se ensaia já a possibilidade de a psicoterapia emergir como dispositivo narrativo, ao permitir capitalizar a polifonia, a recombinação de memórias e a transferência analítica. Encontrando pistas de leitura tanto nas crônicas

(lugares de experimentação de temas e técnicas) quanto nas entrevistas concedidas pelo escritor ao longo dos anos, André Corrêa de Sá enceta um apurado trabalho exegético, desvendando as técnicas narrativas do escritor.

*Depressão e Psicoterapia* desdobra-se em três partes, antecedidas de uma breve introdução e seguidas de algumas observações finais. Na primeira parte, “Depressão e Criação Literária” (capítulos 1 e 2), argumenta-se que os romances de Lobo Antunes comungam da natureza das narrativas policiais em cujo centro se encontra sempre um enigma. O modo de narrar próximo da estrutura do policial não é, no caso de Lobo Antunes, um meio para um fim, já que o enigma e a investigação policial que o desvenda são do foro das contingências das relações humanas. O que aqui interessa é investigar a forma como o escritor se serve dos “estratagemas” do policial para tematizar as “trevas da existência humana”. A natureza policial surge tanto na imagética da suspeita, do segredo, da investigação, do detalhe e do controlo de danos quanto na estrutura polifônica: dramatização e fragmentação discursiva, dissolução da autoridade narrativa, focalização interna, reconfigurações espaço-temporais em que passado, presente e futuro se emaranham numa atmosfera disfêmica, refletindo em conjunto quer as circunstâncias da doença depressiva, quer o questionamento terapêutico. Por conseguinte, a depressão sobressai como “essência enigmá-

tica”, como “um impulso de motivação generalizado” para, no limite, iluminar o passado (frequentemente traumático), tratar as relações familiares e libertar a “criança desamparada” do peso da culpa, do medo e das restrições incutidas pela socialização. As figuras do detetive, do psicoterapeuta, do narrador (e do leitor) fundem-se numa só.

É na segunda parte, “Histórias da Depressão” (capítulos 3, 4 e 5), que André Corrêa de Sá mergulha mais profundamente nas palavras do escritor para as “redescrever”, dando-lhes uma visão de conjunto que tem escapado a muitos críticos e cuja semente é plantada logo no início da carreira do escritor. Assim sendo, *Memória de Elefante* conta não a história falhada de um psiquiatra depressivo, mas “a história bem-sucedida de um indivíduo deprimido” que rompe com o círculo vicioso da depressão, solidão e perda de identidade através da autocriação. Atento aos processos de diagnóstico psicanalítico, o autor reinterpreta a cena final de *Memória de Elefante*, mostrando como nela não se encontra um vazio niilista, mas um impulso de esperança de libertação anímica do protagonista, obrigado a experienciar a depressão para dela se poder afastar, e responsabilizando-se pela sua própria narração – é isso que justifica o “sorriso feliz, em projeção lírica na varanda sobre o mar” com que o romance finda. O esforço catártico que André Corrêa de Sá identifica na trilogia repercute-se na composição poli-

fónica inovadora que será a imagem de marca de Lobo Antunes a partir de *Explicação dos Pássaros* (1981).

Dentro da mesma visão terapêutica e atendendo aos temas, à linguagem e à composição narrativa, *A Ordem Natural das Coisas* (1992), *Exortação aos Crocodilos* (1999) e *Eu Hei-de Amar Uma Pedra* (2004) “devem preferencialmente ser lidos como a história de como indivíduos em perda existencial são ajudados a compreender os seus conflitos psíquicos”. Esse processo dinâmico passa obrigatoriamente pelas personagens revisitarem a infância e por esperarem que o vazio existencial se transforme umas vezes em resignação, outras em desejo de futuro. E tudo isso acontece narrativamente num universo ficcional que quase sempre parece um “emaranhado de detalhes” e “reminiscências” infantis, criando ressonâncias múltiplas, e estando marcado por elementos animistas, oníricos e simbólicos que produzem intensidades estéticas reveladoras da patologia depressiva (o bestiário, a janela, o grito da criança frágil e aprisionada, o segredo, o enigma, a ação do voo, o ato de esperar, o relógio, o espelho, o som, o silêncio, a luz, a sombra, a morte como criação e não como fim, etc.). Embora privilegie os seis títulos mencionados, André Corrêa de Sá vai pontuando a sua argumentação com exemplos de outros romances, demonstrando um conhecimento notável da obra de Lobo Antunes, inovando e completando a fortuna crítica já existente.

Tem-se reconhecido que a técnica narrativa de Lobo Antunes é devedora dos escritores modernistas ocupados em traduzir a fragmentação das experiências subjetivas, mas também da estética pós-modernista sobretudo pelo extenso uso da metaficção. Também têm sido notadas as similitudes entre o romance antuniano e as composições musicais minimalistas que privilegiam o silêncio, bem como a predominância do tema da depressão e de situações narrativas que simulam consultas psiquiátricas. Todavia, este estudo abre caminhos hermenêuticos ainda não percorridos. E, nesse sentido, “Grupanálise e Composição Narrativa” (capítulos 6 a 9) constitui a pedra de toque desta proposta de análise. De acordo com André Corrêa de Sá, a polifonia discursiva de Lobo Antunes, ao permitir a pluralidade de perspectivas, relaciona-se fundamentalmente com as técnicas da psicoterapia analítica de grupo. A repetição neurótica das personagens possibilita o acesso ao seu inconsciente e, desse modo, elas iluminam-se umas às outras, como num grupo terapêutico. Por outras palavras, a narração antuniana acontece mediante os processos comunicativos de um *setting* grupanalítico, de que faz parte a atmosfera de empatia com vista à cura.

A partir de excertos do *corpus* selecionado (mas que poderiam ser retirados de qualquer outro romance do escritor), André Corrêa de Sá explica como a disposição narrativa das personagens encena uma sessão de grupanalise: a

comunicação entre as personagens faz-se segundo uma “matriz relacional interna” que inclui as experiências subjetivas e as respostas inconscientes, sendo essa matriz conduzida pelo analista que impõe as regras, mantendo-se empático e intervindo quando necessário. Para obter os efeitos de ressonância desejados, Lobo Antunes usa monólogos sobrepostos e discurso direto, frases minimalistas, translineações inusitadas, elipses lexicais, reduções sintáticas, suspensões semânticas e repetições que, em conjunto, apontam para a associação livre, materializando as emoções das personagens numa espécie de comunicação múltipla em rede, fazendo sobressair vivências emocionais e conteúdos inconscientes. Além disso, a oscilação entre a primeira e a terceira pessoas, a preferência pelo presente do indicativo e por enunciações estáticas (dando a impressão de se estar a reviver o passado) completam o processo terapêutico conducente à cura, num ambiente de *performance* contínua em que a narração se move numa corrente, não havendo partes mais importantes do que outras e nem sempre se identificando quem fala. O leitor torna-se, assim, interlocutor da memória das personagens.

André Corrêa de Sá defende que os romances de Lobo Antunes textualizam a doença depressiva e o seu tratamento, partindo da polifonia com vista a evitar o hiato comunicacional entre as vozes. E, neste aspeto, o autor rompe com as interpretações dos críticos que se limitam a

identificar na ficção antuniana a solidão, a incomunicabilidade, a litanias e a força coerciva do passado que impedem qualquer solução para a depressão, assim como com as críticas dos leitores que reduzem a obra do escritor ao diálogo surdo de quem está enredado em rotinas miseráveis. André Corrêa de Sá não tem dúvidas: ao trazer a sua formação psiquiátrica para a literatura, Lobo Antunes propõe uma profundíssima reflexão sobre a natureza humana, inovando sobremaneira o modo de fazer literatura. O universo criado pelo escritor convida a visitar a intimidade das personagens, ensina a escutar atentamente para conhecer o passado e desejar um futuro, num trajeto que inverte o caminho do depressivo, ao abandonar as relações patogênicas e as dependências modernas (como os fármacos ou a tecnologia), recriando núcleos afetivos e abraçando a vida através de uma prática terapêutica.

Em *Depressão e Psicoterapia* não se usa a depressão como “um libelo acusatório, nem contra traumas infantis, nem contra a guerra colonial, nem contra a psiquiatria hospitalar” nem muito menos como “metáfora para uma melancolia romantizada”. O que André Corrêa de Sá defende é a analogia entre a psicopatia e o artifício romanesco, explicando como a montagem narrativa de Lobo Antunes é extremamente cuidadosa e tem um objetivo muito concreto: reconstruir o ambiente terapêutico que dá a conhecer a atmosfera depressiva e que permite a mudança. Detentor de um estilo ensaístico que

combina magistralmente exposição crítica e elaboração imagética, André Corrêa de Sá oferece uma apreciável análise não só aos críticos literários conhecedores da obra de Lobo Antunes, mas também ao público leitor em geral, desmistificando, sem simplismos, a aura de obscuridade e derrotismo que envolve a obra de um dos escritores maiores das letras portuguesas dos séculos XX e XXI.

*Patrícia Martinho Ferreira*

<https://orcid.org/0000-0003-0311-2027>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_25](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_25)

**IBERIANISM AND CRISIS: SPAIN AND PORTUGAL AT THE TURN OF THE TWENTIETH CENTURY**

**ROBERT PATRICK NEWCOMB**

**Toronto: Univ. Toronto Press, 2018**

**246 páginas. ISBN 9781487502966**

Robert Newcomb é Professor em Estudos Luso-Brasileiros e Literaturas Hispano-Latino Americanas na Universidade da Califórnia em Davis. É codiretor do Departamento de Espanhol e Português assim como fundador e codiretor do Grupo de Investigação em Estudos Ibéricos Comparados da Universidade da Califórnia. Para além sua extensa atividade pedagógica, é igualmente um autor prolífico. Tem publicado regularmente em revistas especializadas e redigido capítulos em volumes coletivos. É co-editor dos volumes *Beyond Tordesillas: new*